



O Berço da Grei

Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMÁRIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua de Santo António, 119

Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

Propriedade da Empresa

Superior orientação

*N*ÃO admira que certos políticos de alma antiquada ou de sentimentos pouco recomendáveis, não tenham por Salazar a estima e apreço que merece a todos que bemquerem à Nação.

A sua figura inconfundível de homem de estado; a sua visão e processos; a sua inteligência e vontade serenas e fortes ao serviço das necessidades e do bem comuns; a sua personalidade definida e superior na palavra, na acção e na atitude; a honestidade, a sinceridade e o sacrifício com que exerce o poder, ofende aqueles que não foram, nem seriam capazes de orientar e governar assim um povo por deficiência de qualidades e por incapacidade de apreensão de determinados critérios e exaspera aqueles que se vêem reduzidos à sua inferioridade com a qual se não resignam.

O sr. dr. Oliveira Salazar não tem afinidades com aqueles que ocuparam as posições de homem de estado integrados no velho sistema e nos falsos conceitos que paralizaram e prejudicaram a nação.

Servir não é servir-se; o bem de todos não é o bem de alguns.

Todas as razões que tinham por fim alimentar os partidos, os motivos facilmente utilizáveis para criar dissensões e excitar animosidades, lutas, para, emfim manter as divisões dos portugueses, desapareceram porque era preciso que desaparecessem, para que as atenções dispersas na intriga e na discussão estéril e moral da vida pública, com o mais excitado facciosismo, se concentrassem em pontos de interesse nacional e colectivo, e para que as paixões partidárias e desvairadas se fóssem apagando ou transformando num sentimento único e forte de amor da Pátria.

« Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever. »

Todos estes pontos que eram motivos e pretextos de discussão passaram a ser motivos de união e de paz.

Bem simples, depois de realizado e descoberto; com as proporções de inverosímil e de impossível, antes que a orientação superior de Salazar houvesse colocado no campo da justiça, da lógica e da utilidade comum todos estes problemas, cuja solução de momento, consistia em não serem debatidos ou em serem considerados sensata e verdadeiramente indiscutíveis.

Que pena para os desordeiros, para os profissionais da política, para todos os que necessitavam a luta desvairada dos partidos e a confusa indisciplina mental e social para satisfazer as suas ambições e servir os seus interesses!

Que vantagem, porém, para a Nação, que se libertou dessa desordem constante e desses egoismos criminosos, para poder restaurar as suas forças e caminhar para uma era de engrandecimento e de progresso!

A' MARGEM

A nossa ligeira pausa representou apenas uma concentração de forças para a luta pela Nova Ordem.

Redobramos de energia e acção combativa.

Alguns *bairristas* já andavam radiantes, julgando, que de novo iam desentramelar a sua língua viperina.

Do que *êles* estão livres!

Ranchos regionais

A teoria de ranchos regionais que num deslumbramento de cor, garridice e beleza folclórica desfilou pelas ruas de Braga no dia 24, constituiu um empolgante espectáculo.

Neste certamente a nossa terra *marcou*.

No concurso de tunas, tocatas ou estúrdias, o primeiro prémio coube à Ronda de Guimarães e no de ranchos tipicamente regionais conquistamos o segundo prémio.

Foi tam intenso o júbilo que a representação vimaranense despertou no ilustre compositor Armando Leça, que sua ex.^a escreveu ao sr. A. L. de Carvalho, estas expressivas palavras:

« A Festada vimaranense *marcou* e marcará enquanto se mantiver integral.

« O segundo prémio teve-o apenas no género coral, considerar-se de categoria artística superior.

« Que apareçam sempre em concursos regionais.

« No seu minhotismo é — até agora — o mais completo. *Pode tornar pública esta minha opinião folclórica.* — Armando Leça. »

Desprezemos os nefelibatas que acusam estas puras manifestações minhotas de « coreografia labroste » e velemos com carinho e amor, pela vida e expansão do nosso genuíno regionalismo.

Nos nossos prezados assinantes

Em consequência da mudança das nossas instalações e regularização da nossa vida administrativa, fomos obrigados a não publicar *O Berço da Grei* na pretérita semana, do que pedimos desculpa aos nossos prezados assinantes.

D A C I D A D E

SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS:

Durante a próxima semana, fazem anos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 6 — D. Maria Constança Martins de Queiroz Soares.

Dia 8 — D. Carmen Gomes Ferreira, D. Maria Carolina do Amaral Ferreira e D. Maria da Encarnação de Carvalho Jacinto.

Dia 9 — D. Matilde Cardoso Martins de Menezes, D. Ana de Barros Sarmiento e Menina Maria Fernanda Freitas do Amaral Lobo Machado.

Dia 12 — D. Adelaide Leão da Cruz Costa.

E os ex.^{mos} srs.:

Dia 7 — dr. António Couto.

Dia 9 — Miguel Braga Leite de Faria.

Dia 10 — dr. Fernando de Matos Chaves.

Dia 11 — António Luiz da Silva Dantas e Fernando Ferreira de Menezes.

— Encontra-se enferma, a esposa do nosso prezado amigo sr. José Figueiras de Sousa.

— Partiu para Melgaco o sr. João Rodrigues Loureiro.

— Está na Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso amigo Manuel Pereira Mendes.

— Nesta praia encontra-se também a família do nosso amigo sr. Domingos Alves Ferreira.

CHEGADAS:

Chegou no dia 1 de Julho a Guimarães, o ilustre escritor Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Pimenta, que na sua casa de Madre de Deus, passará as férias de verão.

Câmara Municipal de Guimarães

Sessão de 18 de Junho de 1936

O vereador, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira chamou a atenção da Câmara para a maneira desprimorosa como o órgão da imprensa local *Notícias de Guimarães* costuma referir-se aos actos desta Comissão Administrativa, falseando a verdade, deturpando factos, intenções e procurando por todas as formas desacreditar as autoridades Municipais.

A Câmara, de pleno acôrdo com as afirmações do senhor vereador, resolve, por unanimidade, chamar a atenção das estâncias superiores para este abuso de liberdade de imprensa.

PELA CAMARA

Requerimentos apresentados à sessão de 2 de Julho

De Joaquim da Costa Dias, da freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, pedindo para construir uma ramada na extensão de 50 metros, sôbre o caminho, no lugar da Casqueira, freguesia de Briteiros, Santa Leocádia.

— De Francisco Gonçalves, desta cidade, pedindo licença para construir um prédio na rua de Avila. Deferido.

— De Francisco Mendes, desta cidade, pedindo licença para construir um prédio na rua de Avila, desta cidade. Aguarda informação da Junta de Higiene.

— De Carolina da Silva Queiroz, da freguesia da Ponte, pedindo um subsídio de lactação.

— De Valeriano Ribeiro de Faria Abreu, da freguesia de S. Torcato, pedindo licença para deitar uma fiada de pedra a um muro, à margem da estrada, no lugar das Quintans, freguesia de S. Torcato. Deferido.

— De João Pereira, da freguesia de Serzedo, pedindo licença para reparar um seu prédio no lugar do Outeiro, freguesia de Serzedo. Deferido.

— De Joaquina Fernandes, da freguesia da Ponte, pedindo um subsídio de lactação.

— De Maria dos Prazeres da Silva, da mesma freguesia, com idêntico pedido.

— De Alice da Silva, da freguesia de Gonça, com o mesmo pedido.

— De Maria Fernandes, da freguesia de Rendufe, com o mesmo pedido.

— De Adelaide da Cunha, da freguesia de Caldas, S. João, com o mesmo pedido.

— De Maria Ribeiro, desta cidade, com o mesmo pedido.

— De Adelaide Antunes Guimarães, desta cidade, com o mesmo pedido.

— De Albertina da Costa, da freguesia de S. Clemente de Sande, pedindo o mesmo, por várias razões. Deferido.

— De Maria Fernandes, da freguesia de Polvoreira, pedindo para ser prorrogado por mais um ano, o subsídio de lactação. Deferido.

— De Albertina da Costa, da freguesia de S. Clemente de Sande, pedindo um subsídio para fazer tratamento numa clínica oftalmológica. Concedido o subsídio de 70\$00.

— De Florêncio Leite Pereira de Sousa Lôbo, desta cidade,

pedindo, por razões que expõe, e documentos que junta, que lhe seja reduzida a Derrama para os Paços do Concelho. Ficou para estudo.

— De Elisa do Salvamento Morais Lima, desta cidade, pedindo para serem averbadas em seu nome e em usufruto, umas acções. Deferido.

— De Josefina da Graça Lima Pinheiro, da freguesia de S. Lourenço de Sande, pedindo licença para reparar um prédio no lugar da Devesa, da mesma freguesia. Deferido.

— De Patrício Gonçalves Arménio, desta cidade, pedindo a ligação da água para o prédio, à rua de S. Dâmaso. Deferido.

— De João da Fonseca, da freguesia de Calvos, reclamando contra Abel da Costa, pelo facto de ter vedado uns caminhos. Para estudo.

— De Maria Brígida de Melo Sampaio Mexia, desta cidade, pedindo para ser feita vistoria e passado atestado de habitabilidade a um prédio, na freguesia de Ronfe. Deferido.

— De Maria Henriqueta de Melo Sampaio, desta cidade, idem, idem. Deferido.

— De João Paulo de Melo Sampaio Mexia, desta cidade, idem idem. Deferido.

Festival na Penha

O Club dos Caçadores promoveu no dia 21, no alto da Penha, uma interessante festa, que a chuva arrelhiadoramente prejudicou.

Nós somos de opinião que todos os festivais na Penha merecem, pela sua finalidade turística, carinhoso auxílio de todos os organismos oficiais.

Não compreendemos porque fossem recusados uns parcos 200\$00 para tam útil e baírrista iniciativa.

Homenagem ao Padre Gaspar Roriz

E' no dia 12 que se realiza a homenagem de saúde e gratidão ao dilecto filho de Guimarães, padre Gaspar Roriz.

Tudo se conjuga para que esta consagração atinja o fulgor igual à alma diamantina do homenageado.

Novo colaborador

E' com desvanecimento e sentido orgulho, que *O Bêrço da Grei* acolhe nas suas colunas o distinto oficial do exército Ex.^{mo} Sr. Capitão Jerónimo Pinto Montenegro Carneiro, que no nosso jornal continuará a pugnar pela erecção de um Monumento aos Mortos da Grande Guerra, conforme os justos anseios patrióticos da sua alma de antigo combatente.

S. TORCATO

E' amanhã, dia 5, que no lugar de S. Torcato se realiza a grande romaria em honra do Santo Mártir.

Festa de reputada fama, atraindo aquele recanto pitoresco do Minho, milhares de forasteiros de inúmeras regiões do país.

O brilhantismo do programa deve-se ao digníssimo juiz da irmandade de S. Torcato, Ex.^{mo} Sr. Alberto Pimenta Machado, que em prol do progresso e embelezamento daquele centro turístico tem dedicado toda a sua boa vontade e poder de iniciativa.

Cinema-sonoro

Na parada dos Bombeiros Voluntários começou a empresa Jacinto Guimarães—Francisco Gonçalves, a promover sessões de cinema-sonoro com interessantes filmes, que hão-de constituir motivos de distracção para os vimezanenses nas noites calmas de verão.

Sub-Secretário das Corporações

Acompanhado dos delegados do Instituto Nacional de Trabalho do Pôrto e Braga, esteve em Guimarães a proceder a um inquérito económico-social às fábricas de fiacção e tecidos, o ex.^{mo} sr. dr. Rebelo de Andrade, ilustre Sub-Secretário das Corporações.

Sua ex.^a teve uma rápida conferência com o sr. António Queiroz, presidente do Sindicato Nacional da indústria têxtil do distrito de Braga, com sede em Guimarães.

A fala dos representantes do trabalho

A propósito das comemorações do 28 de Maio concederam várias entrevistas à imprensa os representantes dos Sindicatos Nacionais.

Merece a pena glosar algumas das afirmações feitas, tirar lição daquilo que disseram os homens que, presentemente, são no Estado Novo Corporativo os verdadeiros e legais representantes do Trabalho.

Primeiro que nada há que ter em conta a sinceridade das afirmações produzidas. Não falaram, como no outro tempo os *meneurs*, os representantes das conveniências políticas da Política mandante. Não deitaram fala os senhores que os partidos costumavam pôr à frente das organizações operárias e que quando não eram pagos pelos cofres das próprias associações cujos interesses fingiam servir, eram subvencionados — é bom que isto se diga e saiba duma vez para sempre, — pelos cofres secretos das polícias de segurança do Estado e quejandas. Não.

Desta vez falaram homens que foram atirados para as posições que o interesse colectivo lhes indicou, com verdadeiro sacrifício, curtindo grandes dificuldades.

Todavia, pensam os leitores que eles afirmaram, como o fariam dantes, os outros, que tudo caminha em maré de rosas?

Nada disso.

O Estado Novo timbra, principalmente pela Política da Verdade.

E assim, reconhecendo, como não podiam deixar de reconhecer os grandes benefícios trazidos às classes trabalhadoras pela organização corporativa nem por isso os representantes do Trabalho Nacional deixaram de afirmar que não basta o que está feito porque é preciso fazer muito mais. E' preciso continuar a obra encetada.

No entanto — e daqui é que há uma grande lição a tirar, interessou sobremaneira ver o tom em que tudo foi dito, em que todas as reclamações fóram postas.

Salazar tem sido o primeiro

a afirmar alto e bom som que quanto está feito em matéria de organização corporativa está muito longe ainda de corresponder a tudo quanto se quer e urge fazer.

O Estado Novo Corporativo não tem, porém, a preocupação de andar depressa, de ir à mata-cavalos, como diz o nosso povo. O que tem feito tem sido seguramente, sem preocupação de conquistar grandes caminhos, mas também sem a idea de empatar.

Os representantes do Trabalho continuam com algumas reivindicações por resolver, algumas ainda por atender.

No outro tempo, sempre que tivessem de iniciá-los, fa-lo-iam, era esse o costume, em crónicas ameaças, uma das quais, a mais eficiente, seria a greve.

Hoje, o caso muda completamente de figura.

Os representantes do Trabalho põem as suas reclamações, dizem de sua justiça, no ar calmo de quem quer colaborar, de quem quer ser na nova organização um elemento de proveito e não uma causa permanente de discórdia. Nada de lutas de classes, nada de frases exacerbadas que possam dar causas a discórdias. Nada de guerras de alerim e mangerona que nada significavam sob o aspecto social, mas tam prejudiciais eram sob o aspecto moral.

Ficou-se, duma forma clara, evidente e consoladora, a ganhar.

A organização corporativa deu, de facto, às classes trabalhadoras um lugar na sociedade portuguesa: colaboradoras das mais enérgicas, das mais decididas, das mais patrióticas, com o Estado Novo. Mas, deu-lhes o seu lugar cousas que até há pouco elas não tinham.

Talvez disto venha o segredo admirável desta Paz, desta prosperidade de que ainda há pouco Salazar falava e que, até há dez anos era inteiramente desconhecida em Portugal.

Readquiriu-se uma consciência de trabalho, uma consciência de acção. Sabe-se o

Das ideas e dos factos

Do jornal *A Vos* transcrevemos estes depoimentos sobre a bacanal espanhola:

Os desiludidos

Ora os republicanos esquerdistas da Frente Popular esforçavam-se por acreditar que o movimento de Outubro fôra de natureza esquerdista, mas burguês, republicano. Até aquele impagável Miguel Maura, que bate em inocência os nossos antigos evolucionistas...

Mas agora vão-se convencendo de que foram logrados. A Frente Popular é quasi totalmente moscovitária. Os poucos e tímidos elementos burgueses que por lá andam estão a ser arrastados para os piores extremismos pela massa viçorosa e sanguinária do marxismo revolucionário. Há quem veja isso e não lhe veja remédio senão na atitude derrotista de ir para casa. Desta maneira pensam os republicanos de Murcia, cujo chefe Moreno Calvache, numa reunião partidária, com os deputados à frente, lançou este dilema alarmante:

«Aos republicanos restam apenas dois caminhos na vida pública: ou irem levados na corrente dos acontecimentos, até serem atropelados, com o vilipêndio da História; ou retirar-se cada um para sua casa. Só há estas saídas dignas ou então reagir perante a situação, se é que ainda somos capazes de fazer algum sacrifício pela República e pela Pátria.»

E' assim tal e qual. Os republicanos hoje não contam num regime soviético e a resvalar num pendor terrível para os piores extremismos. Ainda havemos de ver os republicanos honestos volver à única política sensata e benéfica para a Nação, unindo-se aos monárquicos numa obra de salvação cada vez mais urgente.

Mas há mais desiludidos...

O deputado socialista Amader Fernandez diz renunciar ao seu mandato, porque o revolta a ignomínia em que se debate a sua grei. «Muitos eleitores que votaram em mim — diz — fizeram-no, como apurei, não por suporem que eu saberia servir o interesse geral, mas porque supunham que eu poderia resolver os seus negócios particulares».

Podridão, egoismos ferozes, sangue, lágrimas, ruínas — eis no que se está voltando aquele sonho idealista de muitos que prepararam a revolução e festejaram o seu advento.

Estas cousas são da História,

que se quer, por que se vive e para que se vive.

Sabem-no as classes trabalhadoras. Sabem-no as classes dirigentes. Sabe-o toda a gente em Portugal.

mas ninguém aprende com as lições do passado. São precisos os ensinamentos e sofrimentos do presente para mostrar aos homens que levam caminho errado...

Um que já não crê na democracia

Joaquim Perez Madrigal era um jovem radical socialista, quando a república se instalou em Espanha. Caracterizava-o uma audácia entusiasta, algo turbulenta, mas emfim simpática. José Ortega y Gasset referindo-se a êle disse um dia: — «E' um javali».

E o termo ficou para designar os jovens jacobinos dos primeiros tempos da republica, cheios de mocidade e ideal.

A independência de Perez de Madrigal levou-o a improperar indignado o assassínio dum sacerdote que a maioria parlamentar queria deixar passar sem protesto de maior. Aquilo era um crime hediondo e Madrigal protestou indignado. Foi irradiado do partido. Andou algum tempo isolado, cada vez mais independente e bravo. Um dia fez-se lerrouxista. Talvez dali viesse a república «que nós sonhamos»...

Sobreveio a Frente Popular. Madrigal não se intimidou. E há dias teve a audácia de reclamar no parlamento um inquérito sobre certas fortunas dos principais magnates do regime actual. Está bem de ver que a sua reclamação não terá consequências algumas, porém ficará como um gesto...

Este Perez de Madrigal é também um desiludido da República. Um jornalista de «Informaciones» pôde ouvir dele estas palavras:

«— Eu sou um desiludido da democracia e da República. A' falta de outros méritos e de outras virtudes tenho a indisputável qualidade de ser genuinamente uma expressão popular».

Madrigal conta a sua vida, a sua descrença das instituições em que a Espanha vivia e a sua adesão à bandeira tricolor. Refere o seu entusiasmo republicano após a proclamação do novo regime, o seu alvoroço nas Constituintes e a sua «desilusão ante os homens e o regime das próprias Constituintes».

Torneio de Tiro aos Pratos

No lugar de S. Roque, no dia 28, realizou-se um torneio de tiro aos pratos, ficando classificados em primeiro lugar os Srs. José Maria da Silva Martins e Manuel Joaquim da Silva e em terceiro o Sr. Alberto Abreu.

UMA CARTA DO SR. ALVES DE OLIVEIRA

... Sr. Director do *Berço da Grei* — Guimarães.

Ex.^{mo} Senhor: — Acabo de ver que no *Berço da Grei*, n.º 24, de 20 do corrente, um sr. A. Malheiro, que não sei quem seja nem me interessa para o caso, procura fazer insinuações torpes a meu respeito.

Fui eu que, uma vez, tive a honra de vir «à estacada», nas colunas do *Ecos de Guimarães*, defender a memória do grande Mestre António Sardinha. Se agora, quem quer que fôsse, pretendesse amesquinhar a memória do meu Mestre de sempre, a minha atitude seria precisamente a mesma. Tenho grande satisfação em ter cumprido o meu dever, numa terra em que outros mais se declaravam discípulos de António Sardinha. Por isso não tolero que qualquer fraldiqueiro, ainda de *berço* e de chupeta na bôca, pretenda atirar-me pedras.

Quanto a «Nacionais Sindicistas juntos com democráticos», deve haver confusão ou falta de memória. Certamente o sr. Malheiro queria referir-se a uma célebre comissão política do Centro Católico, que existiu nesta terra, e que não teve pejo de se aliar aos democráticos na disputa dum eleições e com o único intuito de prejudicar os candidatos monárquicos.

«Católicos que assistem à missa de livrinho», não é comigo. Quando assisto à missa não uso livro porque tenho notado que, os que o usam, o fazem mais por exibicionismo do que por fervor religioso.

O que se diz a propósito dos tiranos que «vão, apesar de pertencerem à União Nacional, inoculando o germen do Comunismo maldito» deve ser verdade. Exactamente por isso é que eu recusei o convite que insistentemente me foi feito para pertencer à actual comissão concelhia de tal organização.

Fiel, hoje como sempre, à fé jurada, eu não preciso de entrar em conluios políticos, sejam de que natureza forem: — quer com os políticos antigos, quer com os políticos actuais. Mas, se fazer a política do espírito, se lembrar os nomes gloriosos dos nossos antepassados e as dívidas de gratidão ainda em aberto, se defender o bom nome da minha terra é ser «reviralista», então sim, tenho muita honra, muito orgulho, muita satisfação em ser — só nestes casos — «reviralista».

Um favor lhe quero pedir: — que, de hoje em diante, me não continue a considerar assinante do seu jornal. Sentir-me-ia vexado se continuasse a ser auxiliar de tal *Grei*.

Confio em que V. Ex.^a não deixará de dar publicidade, no próximo número do seu jornal, a este meu protesto. No entanto reservo-me o direito de fazer uso desta carta, quando, como e onde melhor o entender.

Manuel Alves de Oliveira.

EM RESPOSTA A' CARTA DO SR. ALVES DE OLIVEIRA

Esta carta, *mimo de correcção e subtilidade de lógica*, quasi que dispensava comentários.

A sua publicação só nos penaliza pelo desaire que ela representa para o seu autor.

Afirma o Sr. Alves de Oliveira que no n.º 24 de *O Bêrço da Grei* se procura fazer «insinuações torpes» a seu respeito. Não é verdade.

Efectivamente no artigo do Sr. A. Malheiro havia uma alusão directa ao Sr. Alves de Oliveira naquele passo em que afirmava que no *N. de G.* andam conluídos discípulos e detractores de António Sardinha, com a agravante de alguns destes já terem pretendido solucionar discussões com os primeiros, a respeito da memória do Mestre, «com a biqueira da bota».

Em todo o artigo só nesta passagem o Sr. Oliveira era atingido.

As considerações em que o Sr. Manuel Alves de Oliveira se espraia parecem resultar de visões espectrais.

Corresponde ou não a citada alusão a uma verdade?

Para que fala em «torpes insinuações»?

Que o Sr. Oliveira veio «à estacada» para defender com brilho a memória do Mestre, afirma-o também o Sr. A. Malheiro.

«Quanto a Nacionais-sindicistas junto com democráticos, deve haver confusão», diz o Sr. Alves de Oliveira.

Isto é querer negar uma verdade que não sofre a mais ligeira contestação. O Sr. Oliveira sabe também como nós que não há confusão.

O resto, são divagações supérfluas.

«Certamente o Sr. A. Malheiro queria referir-se a uma célebre comissão política do Centro Católico, etc.»

Isto é torcer uma alusão que já está suficientemente esclarecida.

«Católicos que assistem à missa de livrinho» não é comigo, diz o Sr. Oliveira.

Se não é consigo, como na verdade o reconhece, para que vem dar explicações?

Permita-nos também que lhe diga que não nos interessa absolutamente nada que tivesse recusado o convite que lhe fizeram para pertencer à comissão concelhia da U. N.

Quanto a «fraldiqueiro», ainda de bêrço e de «chupeta na bôca» são expressões resultantes dos contágios perigosos.

Como o Sr. Alves de Oliveira sabe imitar a linguagem dos *bairristas* do *N. de G.*!

Todos esses termos com que já diversas vezes fomos mimoseados, apenas nos fazem sorrir.

Estas expressões só se usam à falta de argumentos sérios, e o Sr. Alves de Oliveira tem um forte poder de dialéctica que dispensa bem o recurso aos insultos.

Refute apenas, Sr. Oliveira, que não é verdade andar emparceirado no mesmo periódico com detractores de António Sardinha que já lhe ofereceram com a «biqueira da bota» numa discussão em que se pretendia denegrir a memória do Mestre, pois só nesta alusão de *O Bêrço da Grei*, de 24, o Sr. Oliveira se pode julgar atingido.

E em que jornal se mancomunou com os detractores de António Sardinha?

Num semanário que classifica as Festas de Família tradicionalismos mais que velhos já sem vantagem para ninguém; que reputou a Idade Média, uma longa noite de trevas; que afirma que Leonardo Coimbra foi atirado para o catolicismo freirático e catacego; que considera os bairros operários, a distribuir pela primeira vez na nossa terra segundo a orgânica corporativa, cousas de somenos importância.

O Sr. Oliveira apesar disto sente-se bem em emprestar o brilho da sua inteligência, defendendo o bom nome da Terra, a um jornal onde se atacam tantos princípios basilares que informavam o espírito do Mestre.

Tais alianças, em quaisquer emergências, são sempre dignas de censura!

E' por isso, Sr. Oliveira, que não fugimos à tentação de transcrever aquelas justíssimas palavras que servem de prefácio aos n.ºs 1.º e 2.º do volume XII, de Janeiro e Fevereiro de 1936, da valiosa revista *Gil Vicente* e que, como uma luva, se ajustam ao caso em foco.

«Não bastam afirmações de obediência áqueles principios que António Sardinha e os seus companheiros do integralismo, nos legaram. E' necessário que as palavras correspondam aos actos, é preciso manter na sua pureza primitiva, *sem ligações que a adulterem*, aquela grande ânsia de resgate nacional, que inundou a nossa alma duma luz nova e nos despertou para as batalhas largas do tradicionalismo português. Essa batalha não findou ainda, antes se apresenta mais confusa, mais encarniçada, mais traiçoeira.

«O inimigo, agora, procura infiltrar-se nas nossas linhas, agitando quasi que a mesma bandeira.

E assim nós podemos ver, com certo desalento que não embota a nossa fé, reunidos à volta dessa bandeira de falso ídolo, mui-

Carinhoso convívio

Na sua vivenda da quinta de Vila Verde, o laureado poeta vimaranense sr. Jerónimo de Almeida reuniu, no dia 28 do mês passado os seus amigos do jornalismo para lhes patentear o seu reconhecimento pela forma como se referiram aos seus últimos trabalhos poeticos.

Festa encantadora, num ambiente familiar, deixou no espírito de todos cativantes impressões da efusiva e acolhedora hospitalidade do lar do sr. Jerónimo de Almeida.

A ex.^{ma} sr.^a D. Margarida, de Almeida, num requinte de gentileza serviu um aprimorado «copo de água» que decorreu na mais viva e intima satisfação.

Todas as pessoas presentes, os Directores da revista *Gil Vicente*, dos jornais *Notícias de Guimarães*, *Berço da Grei* e correspondente do *Correio do Minho*, endereçaram palavras de apreço ao mimoso poeta sr. Jerónimo de Almeida, pelo seu brilhante triunfo no concurso de poesias promovido pela Emissora Nacional e pela publicação da sua última obra, *Rompendo as Nuvens*, que a crítica, por unanimidade, reputa como trabalho poético de subido valor.

Já o sol declinava no horizonte, envolvendo o ambiente numa luz doce e meiga, quando todos se retiraram, extremamente penhorados pela carinhosa amabilidade como foram recebidos pelo sr. Jerónimo de Almeida e sua ex.^{ma} esposa.

tos daqueles que já estiveram conosco.»

A parceria jornalística do Sr. Oliveira com os detractores de Sardinha, num semanário que tem atacado princípios basilares Metre, lembra as tais ligações adulteradas que o artigo acima fustiga com razão.

O inimigo procura, na verdade, aliciar elementos saos, agitando com manha e tartufice a bandeira do regionalismo.

E é o Sr. Oliveira que se deixa seduzir por esse falso pendão, que os bairristas portugueses agitam, para se emparceirar com os detractores de António Sardinha!

Triste, muito triste, Sr. Oliveira!

Eis as considerações que a sua carta nos mereceu sem qualquer espírito de animosidade nem propósitos de questionar.

E' conveniente que na sua pulverizadora resposta a esta argumentação, o Sr. Oliveira não fuja do âmbito do assunto.

O passo do artigo em que o Sr. Oliveira foi atingido, está bem aclarado.

Deixemo-nos, pois, de divagações escusadas.

"Amigos" de Mestre Gil

Para «pasmos das gentes» publica o *Notícias de Guimarães* um artigo meu, transcrito do extinto jornal *Gil Vicente*, em 1924.

Nesse artigo, sob o título «Gil Vicente terá um dia na sua terra natal um monumento!» faço eu um pouco de história citando os esforços que, em várias conjunturas, têm sido feitos, pelos Vimaraneses, para tornar memorável a figura singular do fundador do teatro português.

Ora, como a transcrição do referido artigo, escrito em 1924, visa a fazer incidir para mim as gambiarras duma popularidade desconcertante, quero eu ajudar esses generosos intuitos trazendo mais uma acha para a fogueira que os meus conterrâneos de *ferragoulho*, disfarçados em dois xis (XX), me andam a preparar para um *auto de fé* no coração do Toural.

Na sessão de 30 de Abril apresentei uma proposta à Vereação Municipal, da qual reproduzo a parte mais essencial e... *comprometedora*.

I

«Que a Câmara confie à S. M. S. o encargo da celebração do 4.º Centenário da morte de Gil Vicente, devendo fazer parte dessa homenagem a erecção de um monumento ao glorioso Vimaranesense.

II

«Que, com esse objectivo, se lhe faça entrega não só da verba votada em orçamento para a celebração do Centenário, mas ainda de 50 por cento da importância que no mesmo orçamento figura sob a rubrica de «Festas e Comemorações.»

Esta proposta não foi aprovada.

Pois já na sessão de onze do corrente eu *reincidia* apresentando nova proposta concebida nos seguintes termos:

«Proponho que, em virtude da transferência da comemoração Gil-Vicentina para 1937, a verba votada em orçamento para a referida comemoração seja consignada a um fundo para a erecção de um monumento ao insigne Vimaranesense.»

Esta proposta também não foi aprovada.

Dêstes factos e de outros mais que podem citar-se, se vai concluir contra mim:

- a) Que em 1921, como Vereador, defendi a ideia dum monumento a erigir em Guimarães à glória imortal de Gil Vicente;
b) Que em 1924, em artigo

Pro-Monumento aos Mortos da Grande Guerra de Guimarães

As Musas... em hinos ao Monumento!

Quando *Manuel de Guimarães*, chamou à colaboração os Combatentes e Homens de Letras, com todo o ardor da sua alma de grande lutador, viu com surpresa que, de todos os lados, respondiam à chamada... Pessoas das mais variadas categorias, civis e militares, debutantes e literatos consagrados. Entre estes, dois filhos muito queridos na sua Terra e no Norte: — *Delfim de Guimarães* e *António de Freitas Soares*. Novos, ambos poetas de boa cultura e comprovada inteligência, responderam ao apêlo dando à Causa do Monumento, muitíssimos trabalhos literários, poesias cheias de vida, sentimento e amor, que, dentro e fora de Guimarães, despertaram vivo azeite em todas as classes sociais.

Bem conhecidos no meio literário pelas suas anteriores produções, estes distintos Poetas, alimentaram as colunas do jornal *Notícias de Guimarães*, com os seus versos maravilhosos, aumentando-lhe os leitores e honrando as suas páginas. Mas, a atmosfera ia subindo e a colaboração aumentando: o jornal já não podia inserir, com regularidade, todos os trabalhos que se apresentavam, artigos em excesso!

Tornou-se então possível pensar na execução da obra, tam bem encaminhada seguia a propaganda pro-monumento, quando, com grande surpresa, surge um movimento de orientação diferente, mas animado de espírito de decisão e patrocinando

na imprensa, de novo defendi a ideia da mesma consagração;

c) Que em 1928, em conferência sobre «Poetas Vimaraneses», voltei a *reincidir* na mesma ideia do Monumento;

d) Que, finalmente, em Abril e em Junho do corrente ano, como Vereador, insisto na defesa do mesmo ponto de vista — a erecção de um monumento em Guimarães a Gil Vicente.

Salta, porém, do outro lado da trincheira um *jornalista tarromaguico* disfarçado em D. Tancredo, (dois X) e, por artes e manhas, oferece-me à... *veneração dos fiéis*, como um *incocrenle*: — ontem batendo-me a favor do monumento a Gil Vicente e hoje batendo-me *contra* o monumento a Gil Vicente!

A. L. DE CARVALHO.

com aparente vigor a aceitação de uma *Maquette*, exposta ao público, como trabalho de criação vimaranense e que muito nobilitava os seus autores. Ao mesmo tempo, defendiam-se naquele jornal umas legendas, fora das consagradas nos diversos monumentos, por toda a parte erigidos, impressionando pela sua novidade. E, com um notável afã, procede à eleição de várias Comissões, desenvolvendo viva actividade.

Manuel de Guimarães, como águia real, numa clara e rápida observação, ferido mas não vencido, encara serenamente o antagonista numeroso, e, com toda a arte e poder da sua pena, enfrenta o perigo e... reage, nobremente, terminando por mudar de posição, e, com mão firme e superior autoridade, sustenta noutro jornal o seu ponto de vista, derrubando com sábia e poderosa argumentação, peça por peça, as *legendas de inovação*. Entretanto, não estava só, e, a apoiá-lo, aparecem *Freitas Soares*, no seu admirável *Gratidão*, e depois, *Delfim de Guimarães*, no seu sublime e vibrante *Pro-Monumento*. — Estes dois livros, representando fino espírito, força convincente, inteligência elevada e talento invulgar, sensibilizam as almas, repercutindo em todos os corações, hinos suavíssimos, que, só aos predestinados, as Musas perfumam e incensam.

Então, a opinião pública, ponderada e justa, recebe e acolhe com simpatia os dois livros; e, com veemente carinho e intraduzível orgulho, pronuncia em êxtasi de reconhecimento os seus belos títulos *Gratidão* e *Pro-Monumento!* Vê e pondera as críticas de grande parte da imprensa, mostrando-se unânime na sua sábia apreciação, o que a faz reconhecer o valor e o merecimento dos ilustres poetas da sua Terra. Como não podia deixar de ser, a cidade de Guimarães não ficou indiferente-voltando-se novamente para o nosso lado, para a legenda *Mortos da Grande Guerra*, que, muito claramente, abrange todos os soldados do 20 sacrificados na Grande Guerra.

Se as Musas não falassem, se elas não erguessem os seus hinos e cânticos embaladores, numa fresca e retumbante apoteose às grandezas pátrias, a ideia do Monumento não teria tanto coração a acalentá-la, tanta vontade a firmá-la, tantas almas a perfilhá-la. A ideia do Monu-

Pro-Monumento aos Mortos da Grande Guerra

O Director de *O Berço da Grei* recebeu uma carta do ex.^m sr. Manuel da Silva, ilustre oficial do exército, em que este fervoroso paladino do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, fixa uma atitude nobre, digna e varonil, que deve ser do conhecimento de todos os vimaranenses, que anseiam a construção do Monumento, «sem ser por sobreposição à vontade legítima dos representantes do Estado».

«... Sr. Director do *Berço da Grei*:

Mão amiga enviou-me o seu conceituado jornal de 20 do corrente que insere imerecidamente, uma local penhorante para a minha humilde pessoa, levando a sua gentileza a chamar-me a alma-mater da campanha Pro-Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Esse acto de espelhante justiça prestado, voluntariamente, por quem mal me conhece e favores não me deve, registo-o com muito prazer, no meu coração de combatente, como é próprio daqueles para quem a gratidão é uma virtude de prática tam fácil, que até os pobres a podem cultivar.

E, assim, com a mesma fé, inquietante de sempre, eu continuarei no hospitaleiro *Comércio* a campanha que encetei Pro-Monumento aos Mortos da Grande Guerra, firmemente esperançado que Ele há-de surgir um dia, sem ser por sobreposição à vontade legítima dos representantes do Estado.

Foi, assim, que eu idealizei o monumento. Sempre assim pensei, e não o desejo doutra maneira, nem por outro processo.

Cria-me, sr. Director, com a mais subida consideração.»

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

mento, pois, criou bases fundas na alma sensibilizada dos vimaranenses e a legenda mais adequada à transmissão do seu sincero preito aos queridos Mortos do 20, é esta, sem dúvida alguma: — *Aos Mortos da Grande Guerra*.

Mas as Musas, adormecidas, despertaram novamente e vieram inspirar os novos poetas, cantar como outrora, os novos feitos das armas lusitanas, os feitos de infantaria 20 na Grande Guerra!

Porto, Junho de 1936.

O com.^o int.^o do 20 no «9 de Abril».

J. P. MONTENEGRO CARNEIRO.
Cap.

Santa C. de Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Maio de 1936

Hospital Geral de Santo António

Consultas no banco, 711; receitas abonadas a doentes externos, 573; parturientes recolhidas, 6; crianças nascidas, 7; sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Abril, 76; doentes entrados durante o mês, 114; doentes saídos: curados, 67; melhorados, 21; no mesmo estado, 8; falecidos, 9. Ficaram existindo no último dia do mês de Maio, 85. Banhos dados no balneário, 200; doenças dos olhos: curativos, 578; operações de grande e pequena cirurgia, 46; curativos feitos no banco, 2.527; injeções aplicadas, 1.715; aplicações eléctricas, 975.

Hospital António Francisco Guimarães em Vizela

Consultas no banco, 8; doentes existentes no último dia do mês de Abril, 18; doentes entrados durante o mês, 5; saídos: curados, 10. Ficaram existindo no último dia do mês de Maio, 13; operações de pequena cirurgia, 3; curativos feitos no banco, 108; injeções aplicadas, 45.

Romagem á Batalha

Tomaram parte na romagem dos nacionalistas de Braga á Batalha, organizada no dia 28 pelo prestigioso Governador Civil de Braga, ex.^{mo} sr. capitão Lucínio Preza, os seguintes vimaranenses: dr. Joaquim de Barros, A. L. de Carvalho, dr. Armando Faria, Casimiro Martins Fernandes e António Emilio Ribeiro.

Liga dos C. da Grande Guerra

Sub Agência de Guimarães

Foi de 560\$00 escudos a importância distribuída em Maio findo, como subsídio a sócios combatentes e famílias em precárias circunstâncias.

Guimarães 20 de Junho de 1936.

A Comissão Administrativa.

Festa a Nossa Senhora do Rosário

No dia 29 do mês passado, na igreja paroquial de Creixomil, realizou-se uma brilhante festa a Nossa Senhora do Rosário.

O templo encontrava-se artisticamente engalanado.

DO CONCELHO

Vizela, 22 de Junho.

Orfeão Vizelense — Corre com foros de verdade, que está em organização, em Vizela, e da iniciativa do nosso particular amigo, pároco de S. Miguel das Caldas, sr. padre José de Sousa Monteiro, um orfeão. Desejamos ardentemente que tal iniciativa tenha a voz de incitamento de todos os vizelenses que têm amor à sua terra e que a desejam ver, mais e mais conhecida no País, e, nos meios onde impera o desejo de, cantando, espalhar ao vento, as belezas deste canteiro.

Conhecimentos não precisa de fazer outra demonstração, pois todos se recordam do dia 6 de Janeiro, do espectáculo no Cine-Parque, da iniciativa do padre Monteiro, em que os seus conhecimentos estiveram em prova.

Os nossos parabens à mocidade da nossa linda ter.a.

Serenata à século XX — Na noite de 19 para 20, foi Vizela alarmada com as gargalhadas de um porteiro e ao acompanhamento de dúzias de foguetes, que alarmou toda a pacata vila, dado o adiantado da hora.

Várias queixas foram apresentadas contra a nova maneira de serenatas à século XX, que indignou toda a gente, que tem por norma dormir de noite.

S. João — A comissão de festas a S. João não se poupa a trabalhos para que tenha grande brilho a próxima festa ao tam popular santo.

Do programa faz parte um grande arraial na praça da República, que terá a abrilhantá-lo a afamada banda de Vizela, sob a regência do ilustre maestro-compositor Joaquim da Costa Chicória.

Na próxima carta faremos referências.

Grande Hotel Universal — Sem a menor sombra de reclamo, vamos fazer referência a este magnífico hotel, que tem como gerente o seu proprietário sr. Joaquim Silva.

Passou por grandes melhoramentos, que sem a menor dúvida fica o melhor de Vizela.

Joaquim Silva, tem um espírito progressivo e moderno, pois nestes últimos anos tem imprimido ao seu hotel melhoramentos que demonstram bem as suas maneiras gentis e atenciosas para os os inúmeros frequentadores de sua casa.

Este ano remodelou todo o seu serviço, desde a cozinha, que sem desprimor para ninguém já era o melhor das termas, sala de leitura e sala de baile, que é de um efeito encantador, dando-nos a ideia duma sala de sonhos e de amor.

Este hotel, que de ano a ano mostra os seus melhoramentos, é ben uma honra para Vizela, atendendo às qualidades do seu gerente-proprietário que é mestre no *metier* de hoteleiro e a quem nós felicitamos pelas grandes obras

com que dotou o primeiro hotel das termas de Vizela. Ao sr. Joaquim Silva os nossos parabens, pois.

Casino Peninsular — Por não estarem prontos em definitivo alguns melhoramentos que lhe estão a ser aplicados, ainda não fez a sua abertura o Casino Peninsular, devendo fazê-lo dentro de dias.

Cine-Parque — Realizou-se, no passado domingo, a exibição do filme «O mundo em marcha» e realiza-se no próximo domingo, 28, a super-produção portuguesa «O gado bravo», uma das glórias do sonoro nacional.

Pedibola — Realizou-se, no passado domingo, 21 do corrente, um encontro de futebol entre o grupo de S. Martinho do Campo, no seu próprio campo de jogos, e um grupo de Vizela, do qual resultou uma vitória para os vizelenses de 6 a 3.

Apenas chegaram a Vizela todos os jogadores, foram receber tratamento às «canélas», graças à maneira pouco desportiva como os camponeses praticam o pedibola.

Segundo alguém que assistiu ao encontro, os jogadores de S. Martinho apenas procuravam as pernas dos jogadores de Vizela, para assim conseguirem uma vitória.

Assim, mais vale deixar morrer o desporto, pois quem assistir a tais touradas, sai indignado com tais cavalheiros, por tam baixas maneiras de praticarem o desporto-rei.

S. João — As festas ao popular santo, decorreram debaixo dum ambiente de alegria e bom respeito.

Folgou-se até altas horas da noite, ou para melhor dizer, até de manhã, graças à gentil iniciativa de uma comissão, que organizou um magnífico programa de folguedos, na Praça da República, onde se fez ouvir a banda vizelense, do maestro Chicória, no seu magnífico e variado repertório.

No dia 24 ouve procissão e missa do galo ao padroeiro da freguesia, e fez a sua apresentação em público a nova Associação dos Cruzados de Fátima, que é uma das aspirações realizadas do reverendo pároco da freguesia de S. João das Caldas, nosso amigo sr. padre Joaquim Correia. — C.

Idem, 29 de Junho.

Casino Peninsular — Já se encontra a funcionar o Casino, alegria máxima de Vizela, devendo, dentro de dias, fazer a sua estreia, a magnífica orquestra Portucal, uma das melhores do Pôrto, com arquivo moderno e variado.

S. Pedro — Decorreu com grande animação a festa ao S. Pedro, que uma comissão de moradores da Praça da República organizou, tendo abrilhantado a mesma, a banda de Vizela.

Doente — Encontra-se enfermo, o

Pelas letras

«D. João III»

Acaba de ser posto à venda um valioso trabalho do nosso conterrâneo sr. Dr. Alfredo Pimenta, sobre a figura de D. João III que o faciosismo político deformou em páginas caricatas.

Mercê do trabalho consciencioso e erudito do sr. Dr. Alfredo Pimenta, a figura de D. João III ressurgiu integrada na verdade histórica.

Este volume divide-se nas seguintes políticas:

- 1.º — Do berço ao tálamo.
- 2.º — O Império.
- 3.º — D. João III e as potências estrangeiras.
- 4.º — A Inquisição.
- 5.º — O Mecenas da Cultura.
- 6.º — A companhia de Jesus.
- 7.º — Finanças públicas.
- 8.º — Conclusão.

«Pela Grei»

E' este o sugestivo título do novo trabalho do talentoso escritor e conferente, sr. Conde Aurora.

Prefacia estas páginas vibrantes de nacionalismo e fecunda doutrinação corporativa, o sr. Dr. Teotónio Pereira, que lançou os alicerces da obra de renovação social em marcha.

UM GESTO...

A direcção da Associação Commercial em nota que mandou à imprensa, resolveu devolver *O Berço da Grei*.

Esta *grandiosa attitude* fixa nos anais da História vimaranense os dirigentes da Associação Commercial e Industrial.

Parabens, ilustrísimos Senhores!

«ACÇÃO»

Com este título iniciou a sua publicação em Lisboa, um semanário de doutrina nacionalista, escrito em linguagem clara e desassomburada.

Desejamos-lhe vida longa.

sr. Miguel Luiz de Almeida, avô do sr. Miguel e José Luiz de Almeida, a quem desejamos rápidas melhoras.

Cine-Parque — Realiza-se, no próximo domingo, mais uma magnífica sessão de sonoro, com a deliciosa opereta da Fox, «O tenente de sua Alteza», com Henri Garat. — C.

Em favor da apicultura

Uma medida melhorada do Município de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa, intervindo — segundo supomos, pela primeira vez — nos domínios da apicultura, proibiu por postura de 7 de Junho de 1928, a manutenção de colmeias ou de cortiços de abelhas nos prédios urbanos ou suas dependências, dentro da área da cidade.

A Comissão Administrativa, da presidência do sr. Coronel Linhares de Lima, numa justa compreensão da função económica e educativa da apicultura, revogou, justificadamente, a postura que proibia a sua prática na cidade de Lisboa, substituindo-a por esta outra absolutamente razoável e de acôrdo com o que, lá por fora, se tem legislado quanto à existência de colmeias nos meios urbanos.

E' do seguinte teor, a postura de 29 de Junho de 1933:

«A Comissão Administrativa do Município de Lisboa aprovou, na sua última sessão, uma postura no sentido de que nos prédios urbanos ou suas dependências, dentro da área de Lisboa, só seja permitida a manutenção de colmeias ou cortiços de abelhas, quando requerida e em casos justificados, mediante autorização da Câmara, sôbre parecer favorável da 5.ª Repartição.

«A distância entre as colmeias e a via pública, nunca poderá ser inferior a 10 metros, nas propriedades não muradas e de 5 metros nas propriedades muradas; e a distância entre as mesmas colmeias e as propriedades vizinhas, nunca poderá ser inferior a 5 metros nas não muradas e a 2 metros nas muradas.

«A taxa anual a aplicar será de um escudo por cada colmeia e a inobservância das disposições desta Postura implicará a multa de 100\$00 pela primeira vez e de 200\$00, na reincidência.»

Tendo-se verificado recentemente que adicionais vários a que estão sujeitas as taxas camarárias agravavam extraordinariamente a taxa anual de 1\$00, elevando-a a 23\$10, por colmeia e por ano, o que tornava economicamente impraticável — apesar do aspecto recreativo que apresentam as explorações apícolas existentes na cidade — a existência de colónias de abelhas, foram estes inconvenientes levados ao conhecimento do Município de Lisboa, que, ponderando-os devidamente, resolveu em sessão de 11 do corrente «revogar o art.º 2.º da postura aprovada em sessão municipal de 29 de Junho de 1933, a qual estabelecia a taxa anual de 1\$00, por colmeia».

Trata-se manifestamente duma decisão inteligente do Município

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarães	= =	Chegada ao Porto
8 h., 12,30 e 19,15		10 h., 14,30 e 21,20
Partida do Porto	= =	Chegada a Guimarães
8 h., 10,15 e 18,30		10,05 h., 12,15 e 20,45

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	= =	Chegada à Povoia de Varzim
7,15		9,55
Partida da Povoia de Varzim	= =	Chegada a Guimarães
18,50		21,30

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarães	= =	Chegada a Pevidem
7,35		7,50
Partida de Pevidem	= =	Chegada a Guimarães
8, h., 12,30 e 20,55		8,15, 12,45, 21 e 10

AOS DOMINGOS

Saída de Guimarães	= =	Chegada a Guimarães
8,5		8,45
Partida para a Povoia de Varzim		8,10

da Capital, que nos apraz pôr em destaque.

Doravante estão, pois, isentas de qualquer contribuição as colónias de abelhas dispersas pelos jardins e quintais da capital, que, nalgumas zonas, oferece as mais propícias condições para a vida das abelhas, permitindo a colheita de mel valioso, não pela quantidade mas pela sua qualidade. Há apenas a atender à sua instalação, em relação à via pública e às propriedades vizinhas.

O exemplo do Município de Lisboa, digno dos maiores louvores, bem merece ser seguido pelos edis de alguns centros urbanos situados nas zonas mais favoráveis para a prática da apicultura.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

CONSULTA:

GUIMARÃIS: Hospital de Santa Casa de Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 horas.

BRAGA: Todos os dias úteis — Largo Barão S. Martinho, 78.

Em Riba de Ave

Segundo nos informam, muitos patrões das fábricas de Riba de Ave têm estimulado ultimamente os operários à sindicalização.

Se assim se procedesse desde o princípio ter-nos-iam evitado algumas palavras duras.

Patrões e operários, àvante pela Organização Corporativa!

DE REGRESSO

De regresso da sua viagem de núpcias, tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade, o nosso prezado colaborador e amigo sr. dr. Carlos Saraiva que acaba de retomar a clínica.

Cadela coelheira

Perdeu-se, amarela, com patas brancas e orelhas «guixes», que dá pelo nome de Viana. Gratifica-se a quem a entregar na fábrica do Arquinho, e procede-se, a todo o tempo contra quem a retiver.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 23 do corrente mês de Julho, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública 70 metros quadrados de terreno, situado à entrada da Avenida Cândido dos Reis e da rua Trindade Coelho, desta cidade, desnecessário aos usos do município, sendo o arrematante obrigado à construção de um prédio em parte ou em todo o referido terreno, cuja planta será apresentada à aprovação da Câmara até 15 dias depois da aquisição do mesmo.

Base de licitação 1.400\$00.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passaram o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, 1 de Julho de 1936. E eu, *Américo de Oliveira Durão*, chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevo.

O Presidente da C. Administrativa,

José Francisco dos Santos.

Banco de Portugal

Dividendo do 1.º semestre de 1936

O pagamento dêste dividendo (esc.: 22\$50 por acção), cativo de impostos, começará no dia 1 de Julho proximo, pagando-se por cada acção nominativa a quantia líquida de 19\$95 e por cada acção averbada ao portador 18\$57.

Guimarães, 27 de Junho de 1936.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães

Os agentes,

Heitor Campos.

José S. Barbosa de Oliveira.

Lembrar os mortos... ...para acordar os vivos

Ao recordar as grandiosas festas «Gualterianas», sobre as quais se adensa já o pó do esquecimento, curvo-me reverente e saúdoso ante as figuras prestigiosas que, *in illo tempore*, muito contribuíram para a realização daquelas Festas: João de Melo, José de Freitas Costa Soares e João Gualdino Pereira.

Tive a honra de ser seu colaborador, coadjuvando-os, do Pôrto, em tudo que propiciasse o êxito de tam louvável iniciativa, cuja finalidade se fixava, por inteiro, no engrandecimento da cidade de Guimarães. E, levados pelo amor à sua terra, conseguiram e brilhantemente o seu desiderato, sem que, para tal, houvessem *faustosos* auxílios monetários da Câmara Municipal.

E agora?

E agora confrange-nos o coração a atitude da actual direcção da Associação Comercial, atitude que nos revela a maior «indiferença» perante o interesse supremo da sua terra, — que o mesmo é dizer desinteresse pelas «Gualterianas». Nem o valioso auxílio da Câmara, — representado por 70 contos! — conseguiu animá-los!

Mais: a êsse auxílio, que honra sobremodo o Município vimaranesse, a Associação Comercial, que tem pergaminhos, que se deve ao seu nome, respondeu por uma forma inferior, que nos abtemos de classificar!

Perante atitudes assim, que redundam afinal em prejuízo da nossa Terra, limitamo-nos, muito simplesmente, a evocar, saúdoso, a memória sagrada de João de Melo, José de Freitas Costa Soares e João Gualdino Pereira.

E que ela nos perdoe, por amor a Guimarães, o a-propósito desta evocação quasi dolorosa...

Pôrto, 29-6-936.

ARMINDO PEIXOTO.

Festas ao S. Pedro

Atingiram desusado brilhantismo as Festas ao S. Pedro na risonha e turística povoação das Caldas das Taipas.

Foi enorme a concorrência de forasteiros.

A' comissão promotora, apresentamos os nossos parabens pelo retumbante êxito de tam útil e fecunda iniciativa.

*

No recinto da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, uma comissão de alunos realizou também um atraente festival que àquele lugar atraiu muitas famílias vimaraneses.

Os Novos Paços do Concelho

Apesar do tema já estar suficientemente discutido e apenas faltar levar o *cadáver* para a cova (pois quanto mais tempo estiver fora dela pior cheira), como todos os grandes enterros pedem longo acompanhamento, vá de o acolitar com mais algum resposo... E a verdade é que não podemos tomar êste caso mais a sério, porque seríamos ridículos se assim fizessemos, provado como está, à luz da boa razão, que tais Paços do Concelho seriam eterna vergonha para a nossa terra já por demais vítima de atentados contra o bom gôsto e o bom senso.

A opinião pública está conosco, e mais do que ela — que muitas vezes se engana facilmente — a venerável opinião de categorizadas entidades, tais como:

Dr. António de Oliveira Salazar, Engenheiro Henrique Gomes da Silva, director geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Engenheiro Duarte Pacheco, antigo ministro das Obras Públicas e Professor do Instituto Superior Técnico, Arquitecto Raul Lino, Arquitecto Parda Monteiro, Raul Brandão, escritor (falecido), Dr. José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga, Arquitecto Baltazar de Castro, Arquitecto Rogério de Azevedo, Aguarrelista Alberto de Sousa.

A nossa consideração, igualmente, pelo Arquitecto sr. Marques da Silva, não fica entibiada nem menosprezada pelo facto de não podermos ser coniventes na aprovação de um edificio que, pelas circunstâncias em que foi traçado, constitue um êrro abominável que tem de ser pôsto de parte. Não se trata neste caso senão de combater o *êrro em si*, pois é-nos indiferente que fôsse noutra feição política que êle se praticou. Não pensamos nos homens, mas unicamente nas obras que êles nos patenteiam. Restringiremos o assunto aos mais breves comentários, porque já achamos, repetimos, mais do que suficiente o que está dito.

E' ou não verdade que a planta do tal edificio ficaria demasiadamente acanhada e embaraçada para o fim a que visa?

E' ou não verdade que sendo ela um aglomerado dos diversos estilos dos nossos monumentos do passado, uma vez êles restaurados, se tornaria enfadonho e pretencioso tal decalque?

E' ou não verdade que a situação que êle occuparia *ensombrava* vergonhosamente a vista do Paço dos Duques e Castelo?

E' ou não verdade que interceptaria, de futuro, a mais bela Avenida da Cidade, que prolon-

gando-se até ao cimo da actual rua padre Caldas, oferece uma admirável perspectiva?

E' ou não verdade que uma vez concluído o *Parque* à volta do Castelo (melhoramento que se impõe com urgência), será agradável descer aquela Avenida, completamente desassomburada, ao lado da velha Muralha, formosa relíquia dum passado distante?

Quem, de boa fé, poderá negar que tudo isto é verdade, a não ser que existam duas verdades, a entrar uma para dentro da outra?...

De resto, a defesa que se tentou inventar com os dizeres do padre Carvalho, na sua Corografia, foi tomada precipitadamente, pois padre Carvalho apenas diz isto, aludindo ao Paço dos Duques: «Um Palácio na magestade sem segundo, o primeiro na arquitectura, feito em quadro com tam insigne arte, que deixa suspenso o discurso, e a vista embaraçada na repartição da sua fábrica: não chegou a aperfeiçoar-se de todo, por se acabar primeiro a vida de seu fundador.» Nada mais.

E se quisermos prestar ainda homenagem às palavras do apaixonado e saúdoso baírrista padre Gaspar Roriz, lancemos os olhos para um vêlho número do jornal *O Conquistador*, onde padre Roriz clama em artigo de fundo: ... «Aquele edificio ficará com a amplitude necessária ao fim a que se destina? E, no caso negativo, deverá suspender-se aquela obra cujo orçamento excede em alguns milhares de contos o orçamento primitivo?...

Opiniões? Há muitas. Uma para exemplo: temos os vêlhos Paços dos Duques de Bragança, ruínas venerandas dum edificio imponente. Não poderia restaurar-se aquele monumento, adaptando-o a Paço do Concelho desta histórica cidade, ficando ali um conjunto admirável, com o vêlho Paço restaurado, o venerando Castelo de Mumadona e a velha e histórica igreja Matriz de S. Miguel do Castelo? Mas a obra já feita? perguntarão. A obra já feita no projectado edificio dos Paços do Concelho não se perde. Estudem o assunto e a qualquer outro fim se poderá adaptar aquilo...»

E nem tinhamos pensado nos milhares de contos talvez enterrados já e nos que ainda estariam para ser enterrados! Basta, senhores! Em nome do bom-senso e da dignidade de Guimarães, é assunto arrumado.

E agora que o Govêrno da Nação, pela voz do Dr. Salazar (que ainda há pouco nos visitou) quer tomar o compromisso de

Aclarando

Do Sr. Alberto Gomes Alves, recebemos a seguinte comunicação:

Tendo chegado ao meu conhecimento que o meu ex-empregado, João Carlos Vieira de Andrade Júnior, se permitiu fazer referências menos lisongeiras para a minha pessoa, depois de haver sido despedido dos serviços do meu escritório, referências essas que negou absolutamente após ter sido chamado a prestar contas, venho pedir a V. Ex.^a o obséquio da publicação da declaração inclusa para conhecimento do público e formal desmentido sobre quaisquer dúvidas suscitadas.

Agradecendo, subscrevo-me com subida estima e muita consideração de V. Ex.^a Att.^o Venr. e Obg.^o

Alberto Gomes Alves.

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assinado, João Carlos Vieira de Andrade Júnior, declaro que deixei de prestar serviços na Procuradoria do Sr. Alberto Gomes Alves, por razões de que o mesmo senhor não foi culpado.

Mais declaro que, durante todo o tempo que estive ao serviço da mesma Procuradoria, nunca percebi que o Sr. Gomes Alves procedesse menos correcta ou honestamente com qualquer cliente ou com quem quer que fôsse, antes constatei sempre que o mesmo senhor é dotado de indiscutíveis sentimentos de honradez e probidade moral.

Faço esta declaração para conhecimento público, podendo por isso o Sr. Gomes Alves utilizar-se dela da forma que melhor entender.

Guimarães, 23 de Junho de 1936.

(a) João Carlos Vieira de Andrade Júnior (segue o reconhecimento da assinatura feito pelo notário Dr. Moreira Sampaio).

«O Berço da Grei»

Pedimos encarecidamente a todos os nossos prezados assinantes a rápida liquidação dos recibos do 2.^o trimestre dêste semanário.

restaurar o Paço dos Duques, arrancando daquelas ruínas admiráveis toda a oculta beleza que elas encerram, — quem será ainda capaz de contrariar, com alvitreos suspeitos, uma demolição que se impõe, para favorecer uma obra que igualmente se impõe também, sem receio de ser acoimado de menos patriota?!

A.